

# Não Deve a América Latina Desarmar-Se Sòzinha

O desarmamento da América Latina vem sendo objeto de amplos debates em toda a imprensa continental nas últimas semanas. O assunto surgiu com uma entrevista do Presidente do Chile, Jorge Alessandri, a um correspondente do "New York Times", publicada a 21 de novembro último. Uma semana depois, o Presidente do Peru, Manuel Prado, em carta a Alessandri, dava-lhe seu caloroso apoio e sugeriu uma conferência de países da América do Sul para debater o problema.

Não levamos em conta a confiança irrestrita de que gozaram em Washington os dois presidentes aos quais coube a iniciativa. Os argumentos por eles usados impressionam a miséria terrível em que vivem os povos latino-americanos, os milhões de analfabetos, a elevadíssima percentagem de crianças subnutridas, e o quanto poderia ser feito com as verbas destinadas hoje a armamentos, casas baratas, hospitais, escolas, fomento da indústria, etc. Tudo isto é muito certo e muito nobre.

Mas a questão do desarmamento não se limita à América Latina. A paz mundial é um problema universal, depende, em grande parte, do desarmamento e do desarmamento deve, portanto, ser feito em âmbito universal.

Não são os pobres e relativamente semidesarmados países da América Latina que provocam guerras mundiais. Não são eles que põem em perigo a paz entre os povos. De forma alguma. O desarmamento depende, sobretudo, das grandes potências.

Basta fazer-se uma ligeira comparação entre os gastos militares das grandes potências e os restantes países do mundo para vermos o engão que se oculta por trás da iniciativa Alessandri-Prado, que imediatamente encontrou entusiástico apoio nos Estados Unidos.

Calcula-se que em todo o mundo são gastos aproximadamente 100 bilhões de dólares para fins militares. Destes 100 bilhões, 15 bilhões correspondem a um único país — os Estados Unidos. Despesas con-

sideráveis são feitas pela União Soviética, China, Inglaterra, França, Alemanha Ocidental, etc. Por aí se vê que, dentro daquele total, os gastos da América Latina (Brasil, 220 milhões; Argentina, 120 milhões; Peru, 100 milhões; Chile, 60 milhões — os que mais podem gastar) são relativamente insignificantes. Não são eles que põem em perigo a paz no mundo. As duas guerras mundiais deste século não foram desencadeadas nem decididas por eles.

Por que, então, o desarmamento unilateral da América Latina?

Mesmo se se chegasse a um acordo para o desarmamento latino-americano, não estaríamos livres de sermos envolvidos num conflito mundial. O Departamento de Estado de Washington se apressou, sintomaticamente, a aplaudir a iniciativa "desarmamentista" de Alessandri e Prado, sugeriu logo que a proposta fosse objeto de debate pela Organização dos Estados Americanos (OEA). A sugestão do governo americano foi feita 48 horas depois da marifetação do presidente do Peru. Mas não se cogita sequer de liquidar o Tratado do Rio de Janeiro, pacto militar que os Estados Unidos impuseram aos países da América Latina há 10 anos. Nem Alessandri, nem Prado, nem muito menos o Departamento de Estado aludiu sequer à possibilidade de denunciá-lo semelhante tratado de guerra. Ao contrário, a nota do Departamento de Estado afirma taxativamente que "a limitação dos armamentos da América Latina" (seria feita) "sem prejudicar as necessidades de autodefesa do Continente". Só para os incautos não fica perfeitamente claro que então os Estados Unidos se encarregariam sozinho da "defesa" do Continente.

Este é o verdadeiro objetivo de semelhante manobra "desarmamentista".

Mas não é o único. Note-se ainda que não há qualquer indicação de que, em caso de desarmamento latino-americano, os Estados Unidos abandonariam

## Rui Facó

suas bases militares em nossos países. Reafirmaram há algum tempo que não pensam em abandonar Fernando de Noronha. Há poucos meses, reforçaram-se na base de Guantánamo, em Cuba, onde mantêm um verdadeiro exército; 25 mil homens num recanto da "Pérola das Antilhas".

O problema do desarmamento vem sendo discutido há anos. Mas os Estados Unidos jamais se lembaram de propor desarmamento da América Latina quando suas posições eram mais sólidas em nosso Continente. Quando tinham em Cuba um laço como Batista, ou um Pérez Jiménez na Venezuela. Lembra-se disso quando os povos latino-americanos despertam e começam a lutar de armas nas mãos por sua independência econômica, enfrentando frontalmente as iras do imperialismo norte-americano. Washington vendeu armas a Batista mediante pagamento simbólico. Hoje, recusa armas a Fidel Castro quando o chefe revolucionário cubano quer defender sua Pátria de aventureiros refugiados na Flórida e que fazem vócos de piratas sobre Cuba ou de ditadores vizinhos. Washington pressiona Londres para que não venda aviões a Fidel Castro. É um "desarmamento" que interessa vitalmente aos magnatas açucareiros americanos atneçados de expropriação de

seus latifúndios em Cuba.

Este tipo de desarmamento nos entregaria de pes e mãos atados aos nossos próprios inimigos. Nenhum povo latino-americano pode esquecer que no passado, por inúmeras vezes, fuzileiros navais norte-americanos desembarcaram em muitos de nossos países, humilharam-nos, tentaram nos impor sua vontade.

Não vale o argumento de que, disposto os Estados Unidos de armas ultramodernas, foguetes e bombas atômicas, as nossas de nada valem. Ai está bem vivo na lembrança de todos o exemplo magnífico do Egito. Agredido por Israel e por duas potências imperialistas, a Inglaterra e a França, resistiu valorosamente e os agressores foram obrigados a recuar. Não contavam eles sem com a resistência heróica dos egípcios nem com uma força nova que o imperialismo não conhecia antes: a solidariedade irrestrita dos países socialistas e uma opinião pública mundial firmemente ao lado dos que defendiam sua independência e soberania.

As despesas com armamentos pesam de fato no nosso orçamento nacional. Serão as verbas, hoje, destinadas a elas um grande reforço ao nosso desenvolvimento e ao bem-estar de nosso povo. Mas não são elas as determinantes da miséria em que vive a maior parte do povo bra-

sileiro, como dos demais povos da América Latina.

A causa principal desta miséria reside na brutal exploração de que são vítimas por parte dos monopólios estrangeiros particularmente os norte-americanos. Somente as lucros exportados anualmente pelas companhias estrangeiras que operam no Brasil superam as nossas despesas com armamentos. A este respeito não dizem uma palavra nem os Alessandri nem os Prado. Quanto ao Departamento de Estado, não quer nem ouvir falar neste assunto. A simples proposta de limitar a exportação dos lucros em favor de fúria aos monopólios norte-americanos e a seus agentes.

Em conclusão, o desarmamento é hoje o principal problema internacional, um problema sério que não pode ser objeto de manobras escusas. Há sinceridade no desejo de desarmamento do Presidente Alessandri, do Presidente Prado, de quantos os apoiaram? Então, ai está o projeto de desarmamento total e universal apresentado pela União Soviética na sessão da Assembleia Geral da ONU. Deve ser modificado num ou noutro ponto, deve ser melhorado ou completado? — que se o faça na ONU, contanto que se faça algo de concreto por uma das mais altas aspirações dos homens de todas as nações, o desarmamento que preserve a paz ao mundo.

## LIDERES ANTIFASCISTAS CONDENADOS PORTUGAL: POLICIA PRENDE ESCRITOR AQUILINO RIBEIRO

Aquilino Ribeiro, um dos mais célebres escritores portugueses contemporâneos, foi incriminado, pelo tribunal de Lisboa, de "atentar contra o prestígio do país, de incitar a prática de atos contrários à segurança do Estado, de ofender o prestígio do Conselho, os ministros e a magistratura, e de injuriar a polícia política".

Ribeiro, um militante da oposição, é perseguido por haver publicado o romance "Quando Os Lobos Uivam", descrição da luta travada pelos camponeses contra o Estado, que pretende expropriá-los.

Um representante da Direção da Sociedade dos Homens de Letras, compareceu à audiência do tribunal que condenou o escritor. O presidente dessa associação, Sr. Jaime Cortesão, solicitou uma entrevista com o ministro da Educação Nacional, Sr. Leite Pinto, para tratar do processo.

## HISTÓRIA DO MOVIMENTO OBRERÁRIO (XVIII)

O que Marx e Engels criaram com maior severidade no socialismo anglo-americano — objeto de nossa atenção em capítulos recentes destas notas históricas — era o seu ideal: não do movimento operário, o seu socialismo. Anunciavam os socialistas ingleses e norte-americanos p. p. q. u. t. — segundo palavras de Lênin, — "transformavam o seu sistema em dogma, em "ortodoxia petrificada", não viam "um símbolo de fé" e não se gela para a ação, não sabiam adaptar-se ao movimento operário que marchava junto a eles, impulsionado teoricamente mas vivo, de massa, poderoso". E Lênin conclui, referindo-se a algumas idéias que faz adotar o assunto, de cartas de Engels a Sorge: "se Engels insistisse desta maneira sobre a organização econômica dos operários em semelhantes condições, e porque se trata de regimes democráticos mais estabelecidos que apresentavam ante o proletariado tarefas socialistas-puras". Já com relação ao socialismo e ao movimento operário alemães a situação se mostra inteiramente diversa. Vimos, com efeito, que a primeira revolução burguesa na Alemanha não logrou cumprir por inteiro os seus

objetivos (Ver Cap. XIV. em NOVOS RUMOS, n.º 14). Apenas uma de suas tarefas, — a unificação estatal — realizou-se e "por cima", isto é, sob a direção dos Junkers e burgueses da Prússia (Ver Cap. XVIII. em NOVOS RUMOS, n.º 18). Assim, o último terço do século XIX e princípio de nosso século conheceram uma Alemanha que, se de um lado "ingetiu" e se de outro mais forte países capitalistas, evoluiu até a condição de grande potência imperialista, de outro se conservava impregnada de toda evidências feudais sobre-tudo, nas terras da Prússia. Reflexo desta contradição profunda, vitoriosa ali o regime político mantiveram semi-absolutista. Os Junkers (latifundiários aburguesados) partilhavam o poder com a burguesia e ambos esforçavam-se por manter a classe operária privada dos direitos democráticos de organização, de greve, etc.

Em tais condições o proletariado continuava a ter diante de si, imediatamente, não tarefas socialistas, mas tarefas democráticas — lutas que, mais que maduras, a atravessavam vivamente para a arena política. Isso explica porque, na Alemanha, as organizações políticas da classe operária surgem quase que simultaneamente com as organizações de luta pelas reivindicações econômicas. As contradições da classe e a luta de classes assumiram as formas mais variadas e mais enérgicas que na Inglaterra nos Estados Unidos, na França e Alemanha tornaram-se no período que estamos estudando, o centro do movimento operário mundial.

Pode perguntar-se por que a Alemanha e não a Itália, por exemplo, que se unificou nacionalmente em 1870, — na mesma ocasião, portanto, que os antigos Estados germânicos — sem completar, também, as tarefas da revolução democrático-burguesa, se tornou o centro do movimento operário. A razão principal reside em que nos anos seguintes a Itália teve um desenvolvimento capitalista muito mais lento que a Alemanha, contanto, por isso mesmo, com uma classe operária muito menos numerosa, menos concentrada, mais débil do ponto de vista

da capacidade de ação revolucionária. A natureza das tarefas revolucionárias imediatas, no proletariado alemão e as condições sociais em que devia realizá-las colocavam na ordem do dia "a oposição contra a "ala direita" do partido operário a guerra imperialista, logo após de morte, segundo Marx em 1877-78, contra o oportunismo na social-democracia" (Lênin, "Prefácio à correspondência com F. A. Sorge". Nem foi outra, com efeito, a preocupação constante e central de Marx e Engels em suas relações com o movimento social-democrático alemão, sobretudo a partir de 1870. E que isso era justo já se podia comprovar em 1873, ano em que se fundiram a "União Germânica Geral de Trabalhadores", fundada por Lassalle (Ver o Cap. XVIII. em NOVOS RUMOS, n.º 18) e o Partido Social-democrático da Alemanha, de orientação marxista, fundado e dirigido

# Teoria e prática

## APRENDER E COMUNISMO (II)

"O perigo seria muito maior ainda se pretendêssemos aprender apenas as palavras-de-ordem comunistas. Se não compreendemos a fundo a gravidade desse perigo, se não entendemos todas as nuances possíveis para evitá-lo, a existência de uma palavra de ordem ou de um milhão de jovens de ambos os sexos que, depois de estudar de estúpido modo, se chamam comunistas, não causaria senão um grande prejuízo à causa do comunismo.

Frequentemente, surge diante de nós a questão de saber como devemos ensinar tudo isto para aprender o comunismo. Que devemos tomar da velha escola da velha ciência?

A velha escola declarava que queria formar homens instruídos em todas as letras e que ensinava as ciências em geral. Já sabemos que isso era uma pura mentira, uma vez que toda a sociedade se baseava no trabalho dos homens em classes, em exploradores e explorados. Como é natural, toda a velha escola, saturada de espírito de classe, não ensinava senão aos filhos da burguesia. Cada uma de suas palavras tinha como alvo lívoro" os interesses da burguesia.

Tais escolas, os jovens operários e camponeses, ao invés de ser educados, eram preparados para o maior proveito dessa mesma burguesia. Elas trabalhavam de preparar servidores úteis, capazes de aumentar os lucros da burguesia, sem perturbar a sua existência e repouso. Por isso, condenando a antiga escola, propusemos-nos aproveitar dela o melhor e o que nos é necessário para conseguir uma verdadeira educação comunista.

O marxismo é um exemplo de como o comunismo realmente da soma de conhecimentos adquiridos pela humanidade.

Temos lido e ouvido que a teoria comunista, a ciência comunista, criada principalmente por Marx, deturpada de ser obra de um socialista, embora genial, do século XIX, para transformá-la na doutrina de milhões e dezenas de milhões de proletários do mundo inteiro, que a colocam na prática em sua luta contra o capitalismo.

E se agora perguntarmos por que pôde essa doutrina de Marx conquistar milhões e dezenas de milhões de corações na classe revolucionária, temos uma resposta: porque Marx se apoiava na sólida base dos conhecimentos humanos adquiridos sob o capitalismo. Ao estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana, Marx compreendeu o inevitável do curso de desenvolvimento do capitalismo, que conduziu ao comunismo e, sobretudo, previu essa verdade, baseando-se exclusivamente no estudo mais exaustivo, mais detalhado e mais profundo da sociedade capitalista. E pôde faz-lo porque assumiu plenamente tudo o que ela havia dado até então.

Tudo o que a obra criada pela sociedade humana foi submetido à sua crítica, sem escapar um pouco. Tudo o que o pensamento humano criou, foi analisado, criticado, pôdo à prova, no movimento operário, tirando as conclusões que as pessoas encerradas nos limites burgueses ou confundidas pelos preconceitos burgueses não podiam tirar.

É necessário que se tenha isso em conta, quando falamos, por exemplo, em cultura proletária. Se não nos damos conta de que só se pode criar uma cultura proletária conhecendo-se exatamente essa cultura criada pela humanidade em todo o seu desenvolvimento e relacionando-a, jamais poderemos resolver esse problema.

A cultura proletária não surge de não se sabe que fonte, não brota do cérebro dos que se chamam especialistas em cultura proletária. É uma tarefa hercúlea. A cultura proletária tem que ser o desenvolvimento normal do acervo de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, da sociedade de latifundiários, de burocratas.

Estes são os caminhos e as estradas que nos conduzem e continuam conduzindo à cultura proletária, do mesmo modo que a Economia política, reinventada por Marx, nos mostrou onde tem que chegar a sociedade humana, nos indicou a passagem à luta de classes, ao começo da revolução proletária.

(V. Lênin: do trabalho "Targias das Juventudes Comunistas")

de 1 a cinco anos de prisão, um grupo de cinco operários acusados de "atividades políticas subversivas". O mesmo tribunal também condenou, em outro processo,

## Ascenso do movimento operário e luta contra o oportunismo na Alemanha

de direita, tomaram a iniciativa da reconciliação com os de esquerda porque estavam perdendo influência no movimento operário, estavam "num beco sem saída", como disse Engels.

Qual deveria ter sido a atitude dos marxistas? Ou concordar com a fusão, se houvesse boa vontade dos socialistas em aceitar os pontos essenciais do programa marxista adotado em Eisenach em 1869, ou então negligenciar com eles apenas um acordo de ação contra o inimigo comum. Mas em vez de agir assim, solitariamente isolados em posições de princípio, Liebknecht e Bebel, em nome da unidade, capitularam ante os lassalleiros. O Programa de Gotha, cujo principal autor é Liebknecht, foi assinado por eles, mas ao contrário bastante elástica" e que "não é possível dar cabo do assunto com um par de palavras como a imaginava Lassalle"; sustentava como "única reivindicação social a "ajuda do Estado", isto é, rebatava o socialismo ao nível do republicanismo burguês; era inteiramente omissa quanto à organização da classe operária, por meio dos sindicatos, considerada como classe em si", ponto essencial, pois é a luta do proletariado luta diária contra o capital, educando-se e disciplinando-se, etc.

Aprovado o Programa de Gotha, Marx e Engels publicaram uma breve declaração, afirmando que estavam muito longe dos princípios contidos em tal programa e que nada tinham a ver com ele.

Em resumo, o programa era historicamente falso e sectário, ao afirmar que "diante da classe operária só-